

DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO DE MÚSICA SACRA LEVOU DOMINGOS SALICUS A ESTES DOIS ARCIPRESTADOS

Famalicção e Fafe acolheram lições e m



O Departamento Arquidiocesano de Música Sacra levou a efeito mais duas edições do Domingo SALICUS, em coordenação com os respetivos Arciprestados. O V Domingo SALICUS, que decorreu no dia 26 de fevereiro na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Fafe; e o VI Domingo SALICUS, que teve lugar no dia 5 de março, na igreja Matriz Nova de Famalicção.

De salientar que ambas as edições trataram as mesmas temáticas.

Em Fafe, o cônego Hermenegildo Faria abordou o tema: «Cantar na Missa ou cantar a Missa». O palestrante começou a sua exposição por salientar que «na Liturgia a música tem a mesma função que o silêncio. O silêncio ajuda a escutar melhor, cria condições para uma escuta mais frutuosa».

Referindo-se ao cantar, sublinhou que «os textos a cantar na Missa estão no Missal Romano» e deu o exemplo da narração da Instituição da Eucaristia na Missa como o texto mais importante da Missa. Convidou os coros presentes a trabalharem bem o texto que é cantado para que seja bem

perceptível – «às vezes não se percebe o texto que é cantado».

Quanto ao cantar na Missa afirmou: «a Missa são textos e gestos que acompanham o rito. Temos a ideia de que cantamos na Missa. A Missa é um texto só do princípio ao fim. Há uma dinâmica da celebração. A Missa é uma coisa só. Às vezes temos aversão ao silêncio, ao vazio, o silêncio faz parte também do rito. Cantamos na Missa e cantamos a Missa. A Missa pode ser cantada do princípio ao fim. Na Missa há momentos em que se canta o próprio rito e momentos em que o canto acompanha o rito. Por exemplo, quando cantamos o Santo, cantamos o próprio rito, cantamos o texto que está no Missal. Os cânticos de en-

trada, ofertório, comunhão, aleluia e cordeiro de Deus – acompanham o rito. A música deverá sempre respeitar o carácter do texto».

Terminada esta exposição, fomos presenteados com um breve momento musical, pelas vozes do Grupo Coral de Quinchães – com a partilha dos cânticos: “Cantai um cântico novo”, “Tu és Pedro” e “Anunciai as maravilhas do Senhor”; e com as vozes do Grupo Coral Interparoquial de Fornelos e Medelo – com a partilha dos cânticos: “Bendito sejas, Senhor”, “À Virgem cheia de graça” e “Não desprezeis o domingo”.

De seguida, o padre Juvenal Dinis tratou o tema: «Música/Liturgia/Jovens». Começou pela definição de alguns conceitos, di-

zendo que: «a liturgia é a palavra mais usada hoje em dia para se referir à função santificadora da Igreja. A liturgia é a obra total de Cristo, tem como objetivo a santificação da humanidade e pertence a todo o povo de Deus, que em virtude do sacramento da batismo tem o direito e o dever de participar nas ações litúrgicas, constituída por gestos e palavras.

«A liturgia é a fonte e o cume da vida da Igreja» (SC10). A música litúrgica é aquela que nasceu e deve nascer da palavra, aliada ao rito e à comunidade; deve estar intimamente ligada com a ação ritual como sua expressão, faz parte do próprio rito». Citando a Instrução Musicam Sacram, n.º 16, referiu que «não há nada mais festivo e mais grato nas celebrações sagradas do que a assembleia que, toda inteira, exprime a sua fé e a sua piedade através do canto». Cantar na Missa exige do cantor que seja presença de Cristo, para que Cristo atue no cantor e através dele. Na liturgia, o cantor não canta para sua exibição pessoal, canta para colocar uma assembleia a cantar e louvar o Senhor.

Falando dos jovens e aos jovens, lembrou as palavras do Papa Francisco na exortação Cristo Vive: os jovens «são o presente, estão a enriquece-lo com o seu contributo». Os jovens podem ajudar muito os grupos corais com a sua juventude, o querer aprender, a melhorarem muito a sua qualidade coral e a ajudarem a renovar os nossos grupos corais. Afirma o Papa Francisco: «O canto pode ser um grande estímulo no percurso dos jovens». Nunca como hoje tivemos tantos jovens músicos formados nas comunidades, é preciso saber integrá-los mais na liturgia, envolvê-



-los. Eis o grande desafio.

De seguida fomos brindados por mais um momento musical pelas vozes do Grupo Coral da Igreja do Sagrado Coração de Jesus – com a partilha dos cânticos: “Vós sois a Luz do Mundo”, “Salve estrela do

mar” e “Alma de Cristo”; e com as vozes do Grupo Coral Santa Maria de Antime – com a partilha dos cânticos: “Salver Mater Misericórdia”, “Maria, fonte da Esperança” e “Eu darei ao meu povo a salvação”.

Concluiu o encontro o Arcipreste de Fafe, padre José António, com uma palavra de gratidão aos palestrantes e a todos os presentes desafiando a continuar este investimento na formação dos agentes pastorais para que as celebrações sejam cada vez melhor preparadas e celebradas para «maior glória de Deus e salvação das almas».

Em Famalicção

Por sua vez, em Famalicção, o encontro decorreu no dia 5 de março e começou com um momento musical pelas vozes do Grupo coral de São Martinho de Cavalões, que assumiu todas as intervenções cantadas – com a partilha dos cânticos: “Atei os meus braços” e “Feliz és tu, porque acreditaste”.

Após a palavra de boas-vindas pelo Arcipreste, padre Francisco Carreira, e pelo presidente do Departamento Arquidiocesano de Música Sacra, o professor João Duque abordou o tema: «Música / Liturgia / Jovens». O palestrante começou por afirmar que «a música litúrgica é música escrita, realizada, executada no contexto da liturgia cristã católica. Tem uma estrutura muito própria na Eucaristia. Em qualquer celebração ritual há ritos próprios. As orientações do rito são globais para todos os cristãos. O desejável não é a celebração por sectores, há uma celebração para todos. É a



omentos de música sacra



assembleia que celebra».

Levantando algumas questões aos presentes, João Duque referiu que: «a comunidade eclesial deverá ser o mais plural possível ao nível das idades. A comunidade deve refletir o todo, daí a importância da variedade dos membros».

Outra das questões a que o conferencista desafiou os presentes foi: «apostar na qualidade da música adequada à celebração, tanto quanto possível». Alertou também para «o perigo de tantas vezes se praticar uma “música comercial” que, por vezes, está muito próxima da banalidade, muito sentimentalista e que não leva as pessoas a rezar. Pois, podemos estar empolgados para cantar uma coisa que é de outro ambiente e que não tem nada a ver com o que se está a celebrar». Por fim, lembrou que «nunca como hoje tivemos jovens

músicos formados nas comunidades, é preciso saber integrá-los na liturgia e envolvê-los».

Seguiu-se mais um momento musical onde escutamos: “Meu Deus na Simplicidade” e “Amai como Eu vos amei”. Após um breve intervalo, fomos agraciados com mais dois cânticos: “Onde há amor” e “Ouvi, Senhor, as minhas palavras”.

O tema «Cantar na Missa ou cantar a Missa» foi desenvolvido pelo Prof. José Carlos de Miranda: «A música nasceu palavra e cresceu palavra. A música pura é muito recente. Na primeira metade do nosso milénio não se compunha para instrumentos. A música era canto. Por exemplo, Camões canta e pede à música inspiração para cantar. A música nasceu muito ligada à palavra. O ritmo nasceu da palavra».

O autor continuou: «foi graças ao cristianismo que

nasceu a música pura, por exemplo, as “Quatro estações” de Vivaldi. Fora da nossa cultura não se encontram sinfonias. Nós inventamos a notação. Esta notação nasceu para ser usada na liturgia. Com Carlos Magno a notação estendeu-se por todo o lado. Desde sempre a religião católica teve ligação com a Bíblia, sempre a cantamos. A liturgia é a organização do culto pela fé cristã».

Falando da Missa e da Liturgia das Horas (ofício), o autor afirmou que «tudo o que lá está é Sagrada Escritura inspirada, com exceção, na abertura das horas maiores cantando um hino. S. Geraldo quando veio para Braga, veio organizar a liturgia, o canto. Não tínhamos a sociedade alfabetizada como hoje. Cantar na Missa exige que se use um registo adequado à relação com Deus. Pois, nem tudo é adequado. Se perdemos o valor do sagrado, Deus torna-se inacessível. O ideal é que se cantem os textos da Missa. A Missa cantada tem de ser cantada pelo Celebrante principal: os diálogos, as orações... Na liturgia da Missa há uma norma própria. Varia todos os domingos o introito, o salmo responsorial, versículo da aclamação ao evangelho, a antífona da co-

munhão. As aclamações: Glória, Sanctus e Agnus Dei, são sempre iguais». O autor concluiu: «cantar a Missa, os diálogos, as aclamações e o salmo



responsorial, são a Missa». Em seguida, escutamos o último momento musical pelas vozes do Grupo coral de São Martinho de Cavalões – “O cordeiro que foi imolado” e “Tu és Pedro”.

Por fim, o presidente do Departamento Arquidiocesano de Música Sacra de Braga deixou uma palavra de gratidão a todos os presentes, aos palestrantes da tarde, ao grupo coral de São Martinho de Cavalões que preparou os momentos musicais e ao Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, na pessoa do seu Arcipreste, padre Francisco Carreira, e ao Departamento de Música Sacra do Arciprestado, na pessoa do padre Nuno Castro.

Que estes encontros ajudem a melhorar a qualidade musical das celebrações litúrgicas.

Departamento Arquidiocesano de Música Sacra de Braga

Lausperene Quaresmal

Durante o tempo da Quaresma, o Santíssimo Sacramento encontra-se exposto à adoração dos fiéis em diferentes igrejas de Braga, que se esmeram na arte do adorno floral das suas tribunas e altares.

Esta tradição, espelho da devoção dos crentes, surgiu em 1710, com o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles.

MARÇO

10 e 11 - Asilo de S. José
12 e 13 - Terceiros e Ferreiros
14 e 15 - S. João do Souto
16 e 17 - Pópulo
18 e 19 - S. Lázaro
20 e 21 - Santa Cruz
22 e 23 - Cividade
24 e 25 - S. Victor
26 e 27 - S. Marcos
28 e 29 - Carmo
30 e 31 - Congregados

ABRIL

1 e 2 - S. Vicente
3 e 4 - Senhora a Branca
5 e 6 - Instituto Monsenhor Airosa

BREVE

PEDITÓRIO NACIONAL DA CÁRITAS PROSEGUE ATÉ AO PRÓXIMO DOMINGO

O AMOR QUE TRANSFORMA Sob o mote “O Amor que Transforma”, até ao próximo domingo, dia 12 de março, Dia Cáritas, voluntários e colaboradores da rede Cáritas espalham-se por todo o país no Peditório Nacional Cáritas, apelando ao contributo de todos os portugueses como forma de expressarem a sua solidariedade para com os mais vulneráveis. Assim, na rua ou em formato online, todos podem ajudar a reforçar a ação da Cáritas no combate à pobreza e exclusão social.

A rede nacional Cáritas celebra a Semana Nacional Cáritas com o mote “O Amor que Transforma”. Uma iniciativa que junta toda a rede Cáritas em Portugal dando visibilidade à ação da Cáritas no apoio direto a todas as pessoas que por alguma razão precisam de ajuda. Em todo o país, multiplicam-se atividades de reflexão sobre a ação social e atividades de animação pastoral.

Recorde-se que, anualmente a Cáritas apoia cerca de 120 mil pessoas em atendimento social através da rede nacional das Cáritas Diocesanas e dos muitos grupos paroquiais que estão espalhados por todo o país. São muitas as necessidades das famílias e a Caritas é uma das primeiras instituições a quem as pessoas recorrem.

